

Índice

| | |
|-----------------------------|-----|
| Prefácio | 11 |
| 1. Terá a tragédia morrido? | 13 |
| 2. Incesto e aritmética | 51 |
| 3. Transições trágicas | 67 |
| 4. Mentiras fecundas | 109 |
| 5. Os inconsoláveis | 161 |
| <i>Notas</i> | 223 |

Prefácio

Este é o segundo estudo sobre tragédia que escrevo, talvez porque não haja muitos mais lugares onde a grande arte e as mais fundamentais questões morais e políticas estejam tão estreitamente interligadas. Uma das razões pelas quais a tragédia é tão importante é o facto de ela ser uma medida daquilo que mais valorizamos; mas também porque uma certa ideologia se apropriou da forma, tornando-a suspeita aos olhos de muito boa gente que de outro modo dela poderia tirar proveito. É a aristocrata das formas de arte, sendo que o meu trabalho, quer em *Sweet Violence* quer na presente obra, representa uma tentativa, muito ao jeito do meu falecido amigo e professor Raymond Williams, de a democratizar.

O motivo pelo qual a tragédia é importante para mim já é uma questão mais intrincada. Se, à semelhança de *Modern Tragedy*, de Williams, estou interessado, entre outras coisas, nas relações entre a tragédia na arte e a tragédia na vida quotidiana, tal poder-se-á dever ao facto de ter embarcado no estudo da arte trágica em Cambridge sob a sombra de uma calamidade real, a morte do meu pai, que descrevo no meu livro de memórias *Gatekeeper*. Se um certo veio da tragédia extrai vida da morte, embora não sem dor e culpa, essa foi a circunstância em que me acerquei do tema enquanto

estudante e, numa medida menor, o modo como hoje dele me aproximo.

Por conseguinte, tenho-me ocupado da tragédia ao longo de bem mais do que meio século, desde que Jan Marsh, hoje reputada académica especializada nos pré-rafaelitas, comentou comigo, depois de ambos termos entregado o *paper* na Universidade de Cambridge, no âmbito da cátedra de Estudos Ingleses, que «os examinadores parecem pensar que a tragédia é uma coisa boa». Com esse comentário simples mas fecundo do qual ela não terá decerto memória, plantou a semente de que muito do meu trabalho tem sido o fruto. Estou-lhe profundamente grato por isso.

TE